SEMPRE PRONTO

PORTE PAGO

ANO XXXVII
Abril
Número 427
de 1981

Publicado em:
25 de Maio de 1981
Avulso. 15$00

Mensário Escotista Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal
Rua Saraiva de Carvalho, 97 – 1200 LISBOA

TREINO PARA SERVIR

por Eduardo Ribeiro

O Escoteiro pratica diariamente uma boa acção

(Da antiga fórmula da Lei do Escoteiro)

Ouvimos há dias na Rádio uma reportagem muito interessante acerca do aniversário de uma velhinha de 110 anos, cheia de vida, que ainda cantava e ria alegremente. A sua grande aspiração era possuir um televisor para amenizar o isolamento das suas noites. Momentos depois, o desejo da simpática velhinha estava satisfeito. Um ouvinte oferecia o aparelho. Mas não é a primeira vez que a Rádio e a Televisão nos proporcionam quadros tão agradáveis. Perante situações difíceis ou de emergência há sempre alguém que acorre a fazer a boa acção sem outro interesse que não seja o prazer de servir, deixando mesmo no olvido o seu nome.

O Escotismo sempre cultivou este espírito da Boa Acção, que estimulava nos seus membros através de acções bem características. O Escoteiro, assim que envergava o seu uniforme, tinha o cuidado de fazer o *nó do lenço*, que só desataria quando praticasse a *boa acção*. Este autêntico ritual era voluntariamente observado com toda a sinceridade por lobitos e escoteiros. Os lobitos esmeravam-se no cuidado de retirar do passeio as cascas de laranja e eram solícitos em ajudar a velhinha a atravessar a rua.



Estas práticas estiveram depois sujeitas à ironia daqueles para quem só contam os seus interesses e nada mais conseguem ver do que aquilo que se lhes mete pelos olhos dentro. Primeiro, vieram as anedotas, bastante inocentes a princípio, mas logo utilizadas maldosamente: o lobito que, frustrado por não conseguir ensejo de realizar a sua boa acção, resolve lançar ele mesmo as cascas ao solo e fica espreitando alguma escorregadela que lhe proporcione a almejada oportunidade. Outra era a daqueles escoteiros que mutuamente se tinham ajudado para "ajudar" a velhinha a atravessar a rua. O chefe, surpreendido, exclama: "então tantos para uma só boa acção?" Ao que eles respondem: "É que ela não queria, chefe!".

Depois das anedotas, certos indivíduos atacados de *intelectualite aguda*, tentaram também ridicularizar a *boa acção*. A qualquer pretexto, referiam pejorativamente esta mentalidade escoteira como símbolo de tacanhez de espírito. Lamentavelmente, parece que os dirigentes escoteiros foram sensíveis a esta crítica, fruto do espírito materialista da época. E, assim, este estímulo da boa acção esmoreceu. Até o artigo da Lei sofreu alterações e adoptou-se uma fórmula menos expressiva: *O Escoteiro é prestável e auxilia o seu semelhante.*

Mas a lembrança da prática diária da boa acção, o dever de nunca passar um dia sem fazer um acto generoso, foi um pouco esquecida. Está profundamente errada esta atitude. Há que manter nos nossos programas educativos este estímulo como eficiente treino do espírito de serviço, o ideal humano com força suficiente para melhorar a situação social do mundo.

O que os críticos dos métodos escoteiros não têm capacidade para compreender é que tais práticas, simples e inocentes, se destinam a crianças e a adolescentes, também simples e generosos e, afinal, dão plena satisfação aos anseios humanos e formam hábitos que se radicam para toda a vida. Poderá parecer cândido que o lobito tenha a preocupação de retirar do passeio a casca de laranja que o desleixo adulto para ali arremessou. Mas a verdade é que o rapaz educado nesta Escola nunca mais lançará ao solo cascas de fruta e, vida fora, continuará a retirar do passeio as cascas que podem pôr em perigo a integridade física dos seus semelhantes.

E que diremos da atenção e carinho para com senhoras e velhos? Não será de incentivar esta prática na gente nova? Será preferível consentir na brutalidade a que diariamente assistimos nos lugares públicos, na falta de cortesia e de respeito para com os velhos, na competição grosseira na conquista de lugares nos transportes?

Torna-se imperioso que o Escotismo continue a cultivar estas salutares práticas em colaboração estreita com a Escola e a Família. A Boa Acção, treino para servir, será continuamente estimulada. Nós, os que fomos escoteiros na mocidade, que

→ pág. seguinte

O Hábito não Faz o Monge

pelo Professor Aníbal Ramos

continuação do número anterior

Enquanto grande parte deles, acompanhados de seus familiares, constituindo multidão, rodeavam tumultuosamente o Director que, sentado a enorme secretária do vasto gabinete, lhes concedia licenças para passarem as férias no lar doméstico, outros, não em menor número, transitavam em todos os sentidos, desordenadamente, procurando os encarregados, já tardonhos em chegar para os conduzir a suas casas.

Ao mesmo tempo, cerca de cento e sessenta colegas desprovidos de conforto semelhante, fardavam-se açodadamente nos dormitórios, a fim de se incorporarem na formatura que, estacionada na avenida principal do edifício, os aguardava ansiosa de partir rumo ao acantonamento a armar ainda durante aquele dia na Trafaria.

O chefe-geral, cuja idade cronológica não ultrapassaria 18 anos, ágil, bem musculado e, consequentemente respeitado pelos colegas, fez sinal ao requinta. Num momento, ouviu-se, de modo bem timbrado, o toque de "sentido" e logo de seguida o de "em frente marche".

Quem, dotado de sensibilidade, assistisse à impetuosidade posta nos primeiros passos pelos órfãos formados, muitos internados há anos, desprovidos do menor carinho, sem jamais terem visto praias, assistido a representações teatrais, gozado liberdades consentâneas à idade ou contactado amistosamente com jovens do sexo diferente, não lhes escaparia a expressão de nítida felicidade, dimanada das suas descoradas faces.

Na testa da coluna deslocava-se, impando de garbo, o Nero, enorme cão de raça, aguerrido e imponente no seu trotar. Logo de seguida a banda de música e a de corneteiros, tocando marchas militares nos instrumentos metálicos altamente reluzentes; a alguns passos de distância, o chefe-geral ostentando nos braços estrelas douradas, seguido dos restantes elementos, organizados em secções, comandadas pelos respectivos chefes.

Porém, nada causou tanta curiosidade como o novo uniforme sobremodo complexo quer no número quer na riqueza de suas peças ostentado pelos vinte e três músicos. Embora inspirados nos usados pelos escoteiros, divergia quase na totalidade.

Compunham-se de:

a) botas em atanado, pretas, cardadas no rasto, ferradas na ponteira e salto; calções para equitação e blusa, ambos de cotim cinzento; grevas de mescla da mesma cor, chapéu de abas largas e copa alta, em muito bom feltro com francalete.

b) panos de tenda de modelo usados no exército, largo cinto de cabedal inglês provido de mosquetões donde, num lado, pendiam o apito, bússola e cantil de excelente alumínio forrado de feltro; do outro, serrote embainhado adicionado a machado de aço sueco, bornal fechado com duas fivelas douradas, suportado a tiracolo num dos ombros e no outro, uma comprida vara de marmeleiro, flexível, provida no topo superior de faiscante peça metálica apta a puxar barcos, encimada por pequeno cilindro com múltiplas aplicações.

Panos de tenda, esteiras, cobertores, trem de cozinha e géneros alimentícios, além de outros artigos domésticos, há muito haviam partido ao cuidado dos serventes, cozinheiros e vigilantes.

Pelo acima descrito, parecia de prever férias óptimas com lazeres tonificantes, concorridos concursos de natação, passeios alegres, alimentação abundante, dormidas profundas e outros passatempos próprios do lugar e clima da época. Mas... que desilusão: somos bruscamente interrompidos ao desabar inesperado de tendas, queixas dos lavradores pelos assaltos nocturnos efectuados nas vinhas; pomares destruídos, abandono da vigilância e tantas outras distorções.

E este pandemónio aconteceu somente porque a um só pedagogo não foi possível, de modo nenhum, evitá-lo numa multidão de perto de duzentos indisciplinados.

Assim, uniformes e equipamentos respectivos, voltaram a ser usados somente no retorno à Casa-Mãe e nela armazenados cuidadosamente, donde só saíram em 1920.

Desde a sua pitoresca estreia, sessenta e sete anos passaram, porém, a quem viveu as cenas narradas não mais poderá afastar da visão o chocante contraste entre a degradante conduta praticada no decorrer do verão visado e o bizarro desfile pelas acanhadas ruas de Lisboa, desde Xabregas ao local de embarque.

Fortemente estimulados pelo uso do vistoso uniforme, símbolo de virtudes, ostentavam aprumo físico digno de admiração mas desconheciam por completo a máxima ditada por Baden-Powell que afirmou: "Tenho dito muitas vezes que não faço caso algum se um escoteiro usar ou não uniforme, desde que ponha o coração nos seus actos e proceda consoante a Lei do Escoteiro".

Deduz-se, pois, da citada afirmação que não basta saber fazer nós, armar tendas, comunicar por sinais, acender fogueiras, etc. etc. para nos podermos considerar escoteiros. Todos estes conhecimen-

→ pág. 11

TREINO PARA SERVIR

←

chegámos até a fazer o *diário da boa acção* e nunca esquecíamos o *nó do lenço*, somos testemunhas do resultado que tais actos exerceram na formação do nosso carácter. O materialismo mesquinho daqueles que não conseguem ver para além daquilo que é imediato não pode nem deve intimidar-nos. Há que prosseguir. *O Escoteiro pratica diariamente* pelo menos *uma boa acção*. E, porque *uma vez escoteiro, sempre escoteiro*, não lança a ninguém "cascas de laranja", mas está sempre pronto a estender a mão àqueles que se deixam escorregar nas "cascas" que outros mais "espertos" vão distribuindo nos caminhos da vida.

SEMPRE PRONTO

PROPRIEDADE
Aliança Nacional das ACMs de Portugal
DIRECTOR
Eduardo Ribeiro
DIRECTOR ADJUNTO
Joel Ribeiro
ADMINISTRADOR
José Eduardo Pena Ribeiro
COLABORADOR
Capitolino Ferreira Macedo
COORDENAÇÃO GRÁFICA
Carlos Martins

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

R. Saraiva de Carvalho, 97 - 1200 Lisboa
Telef. 60 37 34 - 60 37 78 - 60 36 89

FUNDADO
em 1 de Janeiro de 1945

Assinatura anual: Esc. 150$00
Despesa de cobrança Esc. 30$00

Estrangeiro:
Espanha e países de África de expressão portuguesa: Esc. 250$00

Outros países: Esc. 350$00

O JAMBORI NO AR DE 1980 FOI O MAIOR DE SEMPRE



Se fizermos a pergunta: – qual é a maior reunião internacional de Escoteiros? – a resposta será que é um Jambori Mundial. Mas não é! A maior reunião mundial de escoteiros é o JAMBORI NO AR. Com efeito, várias centenas de milhares de guias e escoteiros participam nesta manifestação que decorre num fim-de-semana. Os participantes juntam-se em pequenos grupos ou reúnem vários milhares de pessoas e contactam-se através da rádio para trocar ideias, estabelecer laços de amizade e aprenderem a conhecer-se.

A Secretaria Mundial acaba de publicar o relatório sobre o 23º JAMBORI NO AR, que se realizou em Outubro de 1980. Este relatório insere numerosas histórias que evidenciam a importância desta manifestação.

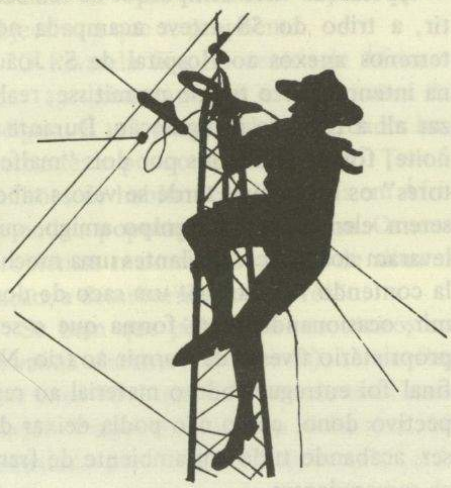


Durante os dois dias do Jambori, estações escoteiras operaram em cerca de 70 países. No entanto, não foram recebidos relatórios de todas as estações, mas o seu número pode ser calculado entre 6 e 7 mil.

A remessa de relatórios pode apresentar dificuldades para certas pessoas. Um relatório vindo do Antárctico, que estabeleceu um novo "record" como a estação mais ao sul, foi redigido em Outubro mas não pôde ser expedido senão em Janeiro quando passa o barco de reabastecimento.

A estação de Hollviksnas, na Suécia, informou que estava instalada num armário de 1,5 m^2. Não temos infelizmente esta fotografia que nos mostre a instalação, o operador e os trinta escoteiros.

Na África do Sul, houve escoteiros que percorreram mais de 100 km para participar nas operações de uma das 57 estações que funcionaram no país. Os australianos ocidentais mencionaram a visita de uma jibóia à uma das tendas da estação. "Ela não tinha sido convidada para participar!" O mesmo relatório menciona que outros escoteiros tiveram os seus problemas. Um SOS emitido de um barco e captado numa das estações foi transmitido às autoridades, que procederam ao salvamento vinte minutos depois.



Em Santiago do Chile, a conferência interamericana do Escotismo reuniu 6 000 pessoas num estádio, que por meio de auto-falantes puderam escutar os contactos através da rádio com grupos da América latina, facto que proporcionou à Conferência aspectos fundamentais do Escotismo.

Um grande número de países indicou que o JOTA é uma manifestação muito popular junto das famílias e consegue atrair as atenções de numerosos visitantes. Contaram-se, por exemplo, 20 000 pessoas na Austrália e 22 000 na Holanda. A Imprensa referiu-se largamente ao acontecimento. Portugal enviou recortes de jornais e uma das suas 222 estações apareceu mesmo na primeira página.

As Guias de diversos países aderiram à iniciativa e participaram activamente nos contactos, o que dá ainda mais larga dimensão ao grande acontecimento escoteiro. – *Newsletter Bulletin – Escotismo Mundial* (adaptado).

ADMINISTRAÇÃO

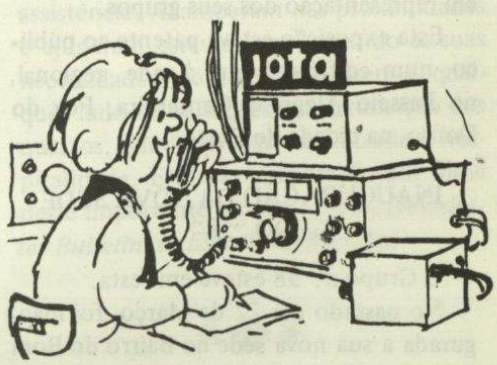
Durante o último mês, mais os seguintes assinantes nos remeteram gentilmente o valor de suas assinaturas, o que muito agradecemos:

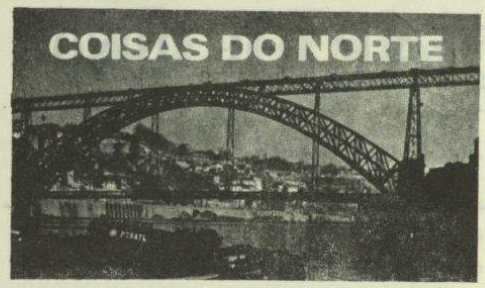
ASSINANTES PATROCINADORES

Paulo Maurício	200$00
Padre Américo F. Alves (1980/81)	400$00
Junta Regional do CNE	200$00
Prof. António A. Dória (1980/81)	300$00
José Ferreira da Silva	250$00
Florindo Esteves dos Santos	200$00
Ernesto B. Rôla	200$00
Daniel Soares dos Santos	200$00
Pedro H. F. L. Madeira (1980/81)	300$00
Eng. Raul Moreira Pedrosa	300$00
João Pedro Cocco Ferro	200$00
Tenente Manuel Canhão Fernandes	200$00
Joaquim Tavares de Oliveira	300$00
Manuel Patten Sá Viana	250$00
Dra. Stefhanie Lion	200$00

OUTROS ASSINANTES

Grupo nº 4 dos E. P.	150$00
Domingos José O. Figueiredo	150$00
Francisco Soares Ferreira	150$00
José Prazeres Araújo	150$00
António Manuel Lima	150$00
Alzira da Silva Caetano	150$00
Julião S. Pestana	150$00
Arq. Luís Benavente	150$00
Álvaro Correia	150$00
Bernardino V. Estêvão (1979/80)	200$00
João Alberto C. Fernandes (1979/80)	200$00
Manuel C. S. Martins (1979/80)	200$00
Luís Mário Saraiva	150$00
João Conde Ribeiro (1980)	100$00
João Piteira	150$00
António José Calçada Loureiro	150$00
Agrupamento nº 340 do CNE	150$00
Levy Augusto Lobato	150$00
Carlos Alberto Filipe	150$00
António Barbosa	150$00
Francisco F. Mendonça (1980/81)	250$00
Vítor Manuel de Lima e Santos	150$00
José Manuel Nunes Rodrigues	150$00
Dr. Adelino V. Pimentel (1979/80)	200$00





O ANIVERSÁRIO DO GRUPO Nº 91

Em 14 de Fevereiro último, festejou a passagem do seu aniversário, o Grupo nº 91, de Vila Nova de Gaia.

No acto festivo, em que estiveram presentes muitos amigos e familiares de escoteiros, foi servido um chá e bolos. No final, houve uma reunião de pais.

Na festa escotista, foram entoadas canções e apresentados vários episódios.

FESTA ESCOTISTA

No passado dia 3 de Março, na sede do Grupo nº 91, foi realizada uma festa promovida pela Região do Norte, em que estiveram presentes os grupos nºs 4, 35, 44 e 91, com cerca de 50 escoteiros. Também esteve presente o ECR. Arnaldo Couto, que colaborou com algumas iniciativas.

Foram exibidos episódios pelos grupos nºs 4, 44 e 91 e entoadas várias canções escotistas.

Alguns escoteiros, por iniciativa própria, também colaboraram no festejo.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

A Direcção Regional do Norte levou a efeito, durante vários dias, a partir de 15 de Março, esta exposição. No certame, estiveram expostos muitos e variados artigos escotistas, trabalhos manuais, selos, fotografias, algumas bastante antigas, recortes de jornais, emblemas, etc, cedidos por diversos amigos.

Foi um trabalho bastante interessante e muito apreciado por todos os escoteiros.

À inauguração, assistiram várias individualidades, bem como muitos escoteiros, em representação dos seus grupos.

Esta exposição esteve patente ao público, num edifício frente à sede regional, no Passeio Alegre à Cantareira, Foz do Douro, na cidade do Porto.

INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE DO "58"

O Grupo nº 58 esteve em festa.

No passado dia 22 de Março, foi inaugurada a sua nova sede no Bairro do Bom Pastor, no Porto.

Estiveram presentes, além de algumas individualidades, familiares e amigos de escoteiros, o ECR. Arnaldo Couto e o ECR Aj. Manuel Teixeira, bem como os grupos 4, 17, 26, 35, 38, 42 e 91.

Logo no início, tomou a palavra o escoteiro-chefe regional, que se congratulou com a aquisição da nova sede e no seu discurso incentivou a juventude local a praticar o escotismo.

De seguida, tomou a palavra o EC António Ferreira, chefe do Grupo em festa, que agradeceu a presença de todos bem como as palavras do Chefe Arnaldo Couto e a colaboração do EC Horácio Paiva, da Fraternal, que foi o principal obreiro dos trabalhos realizados.

Por fim, falou o EC Paiva, que agradeceu as palavras proferidas e pôs-se à disposição de todos os Grupos que necessitem da sua cooperação.

Apesar do mau tempo que se fez sentir, a tribo do 58 esteve acampada nos terrenos anexos ao Hospital de S. João, na intenção, se o tempo permitisse, realizar ali a festa de inauguração. Durante a noite, foram assaltados por dois "malfeitores" os quais mais tarde se veio a saber serem elementos dum grupo amigo, que levaram aos poucos vigilantes uma mochila contendo – vejam lá! um saco de dormir, ocasionando desta forma que o seu proprietário tivesse de dormir ao frio. No final foi entregue todo o material ao respectivo dono, como não podia deixar de ser, acabando tudo em ambiente de franca camaradagem.

JUVEMINHO - 1981

Na sequência do ano anterior, esteve a nossa Associação e a Região do Norte, representadas no Juveminho - 1981, que se efectuou nos dias 22 a 29 de Março, em Braga.

O responsável por estas representações é o Grupo nº 53, daquela localidade, bem como o EC do Núcleo, dr. Fernando Mateus, que tomou as diligências necessárias para que tudo corresse pelo melhor e do melhor efeito possível.

No dia 29, último dia de exposição, a Região Norte participou em peso naquele certame, com a finalidade de mostrar que a AEP, a Região Norte e o Núcleo de Braga estão à inteira disposição de toda a juventude nacional.

GRUPO Nº 4

A fim de dar cumprimento ao Programa Regional, tomou este Grupo parte na Festa Escotista, exibindo o episódio "Vem para Escoteiro", da autoria de três escoteiros deste Grupo, o Fernando Coimbra, o Joaquim Manuel e o Mário Jorge Figueiredo. Como devem imaginar foi feito e ensaiado pelos mesmos.

Este espectáculo real zou-se no dia 7 de Março, na sede do Grupo nº 91, em Vila Nova de Gaia.

DE LUTO

Pelo motivo do falecimento de seu filho, ocorrido em 22 de Março passado, encontra-se de luto o EC Francisco Soares Ferreira, subchefe do Grupo nº 4, do Porto. – *D. Figueiredo*

O GRUPO Nº 17 DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL PROMOVEU UMA ACTIVIDADE DE INSTRUÇÃO

O Grupo nº 17 dos Escoteiros de Portugal, anexo à ACM do Porto, promoveu uma actividade de instrução de provas de classe, que se realizou em 5 do corrente, em que participaram os Grupos nºs 58 e 91, tendo solicitado para o efeito a cedência da sede do "58" e terreno anexo.

As provas constaram de pioneirismo, campismo, passatempo, sinalagem, orientação e primeiros socorros e foram disputadas com entusiasmo. Aos grupos presentes foi entregue uma lembrança. – JATC

O GRUPO Nº 23 – AEP – COMEMOROU O SEU 13º ANIVERSÁRIO

O Grupo de Escoteiros de Portugal, com sede em Queluz, esteve em festa no dia 22 de Fevereiro para comemorar o 13º aniversário da sua fundação. No salão nobre dos Bombeiros Voluntários locais, reuniram-se 70 membros da unidade, escoteiros representando os grupos nºs 1, 7 e 36 da AEP; Agrupamento 56 do CNE, pais dos escoteiros e muitos outros amigos do Grupo.

O anterior chefe do "23", João Fernando, saudou o novo dirigente da unidade, António Carlos Lapa Conde, tendo feito a transmissão da insígnia de cargo. Realizaram-se depois diversas cerimónias, devendo destacar-se a promessa de seis novos lobitos e o compromisso de sete novos escoteiros e cinco guias (raparigas), e ainda a investidura de seis caminheiros e quatro cadetes (guias com mais de 16 anos).

A festa terminou com um lanche.

Regista-se com prazer o progresso que o "23" de Queluz tem alcançado.



E. C. ERÁCLIO EMÍDIO NEVES



Em 11 de Março passado, com 67 anos de idade, faleceu o E. C. Eráclio Emídio Neves, o mais antigo membro na efectividade do Grupo nº 44 dos Escoteiros de Portugal, com sede em Vila Nova de Gaia.

O extinto prestara compromisso de honra como Escoteiro em 17 de Setembro de 1938. Teve algumas promoções e em Setembro de 1963 foi nomeado chefe ajudante da unidade. Era um exemplo de humanismo e dedicação ao escotismo e aos bombeiros voluntários, dador de sangue com 167 ofertas, distinguido com a medalha do Instituto de Socorros a Náufragos.

O seu funeral realizou-se em 13 para a capela dos Alfaiates no cemitério do Prado do Repouso.

Apresentamos sentidos pêsames à família em luto.

* * *

E. C. ANTÓNIO FERREIRA PINTO

Depois de prolongado sofrimento, faleceu em 4 de Maio último, o E. C. António Ferreira Pinto, nosso estimado assinante e antigo membro do Grupo nº 7 dos Escoteiros de Portugal.

O finado era um dedicado escoteiro, sempre pronto a servir. Homem simples e bondoso, estava sempre disposto a colaborar e desdobrava-se para atender qualquer pedido que lhe fosse feito. Foi assim, que em determinada altura, já membro da Fraternal dos Antigos Escoteiros, aceitou assumir a chefia do Grupo nº 23, de Queluz, para que a unidade vencesse uma situação difícil, só deixando o cargo quando houve substituto.

António Pinto tinha 67 anos de idade, era casado com a sra. D. Alice da Silva Sousa Pinto e pai dos antigos escoteiros srs. Mário, Raul e António Luís Sousa Pinto, a quem endereçamos as mais sentidas condolências.

No funeral do extinto, estiveram presentes muitos amigos e antigos escoteiros, uma deputação do Grupo nº 23 e os seus chefes, Ernesto Clímaco do Nascimento, em representação do Escoteiro-Chefe-Geral; José F. Marinho e Manuel Tacão Monteiro, representando a Fraternal, e o Director do "Sempre Pronto".

O RWANDA: EXEMPLO DE FRATERNIDADE INTERNACIONAL

Os escoteiros do Rwanda oferecem um bom exemplo da maneira como o programa escoteiro se adapta às necessidades locais e como os escoteiros doutros países ajudam os seus irmãos a esperar pelo objectivo a que se propõem.

O Rwanda fica no centro de África e tem aproximadamente as dimensões da Bélgica. É um país rural, sem cidades importantes e pouco industrializado. Tem 5 milhões de habitantes e é o país em África onde a população é mais densa. Os seus problemas maiores são a falta de alimentação, a desarborização e a erosão.

Se bem que já houvesse escoteiros no Rwanda durante os anos 50, só no fim dos anos 70 é que foi formada uma associação nacional e que o programa foi orientado para fazer sobressair as necessidades nos domínios da agricultura e da educação.

Os escoteiros belgas ajudaram os do Rwanda a concretizarem estas mudanças. Recentemente, os belgas (Vuks) subvencionaram o primeiro boletim dos escoteiros do Rwanda, meio de comunicação importante para os 5 000 membros da sociedade.

O principal objectivo do governo do Rwanda é ajudar a população a valer-se a ela mesma. Felizmente, o solo do país oferece a possibilidade de melhor rendimento, acentuando também métodos de ensino às pessoas para tornarem as terras mais produtivas. Há dois projectos que ilustram a participação do escotismo em relação a este esforço.

Em 1971, os escoteiros do Rwanda construíram um centro de formação, em Butare, ao sul do País. No ano passado, foi criado um centro em Gisenvi, no norte. Hoje, cerca de 550 jovens participam nos estágios regulares destes centros a fim de aprender as técnicas que eles, as suas famílias e os aldeões têm necessidade de conhecer. O estágio completo dura 3 anos, mas há também programas de menor duração.

A cultura hortícola, criação de animais domésticos, apicultura, avicultura, carpintaria, soldadura, costura e cozinha são as matérias ensinadas, do mesmo modo que o programa escotista sublinha as qualidades de chefia, a iniciativa e o sentido de responsabilidade. A formação é repetida quando os escoteiros voltam às suas terras para porem em execução novos projectos e para instruir outras pessoas.

LUXEMBURGO – Os escoteiros deficientes constituem um ramo separado dos "Letzeburger Scouten". Têm o nome de "Gamma", dado que os raios "gamma" não podem ser facilmente afastados do seu caminho. Existem grupos em seis centros espalhados pelo país. As actividades são adaptadas às capacidades das crianças. As unidades são mistas e dirigidas por chefes voluntários. As despesas destes grupos são cobertas por ofertas individuais, organizações de beneficiência e festas organizadas pelos responsáveis. O Rotary Clube do Luxemburgo enviou 5 000 fr. lux., no ano passado, para as actividades "Gamma".

110 chefes e caminheiros acamparam em Tarchamps, uma aldeia ao norte do Grão-Ducado. Construíram o equipamento para o terreno de jogos dum centro de férias que pertence à Liga para Crianças Deficientes. Tudo isto melhorará as condições destas crianças e contribuirá para o conhecimento do escotismo numa zona rural.

HOLANDA – 2 000 atletas deficientes participaram na 6ª Olimpíada, perto de Aruhem, no Verão passado. Perto de 1 200 guias e escoteiros holandeses deram-lhes assistência. Acamparam nas proximidades e ajudaram estes atletas, segundo as suas necessidades, para se deslocarem a qualquer lado, às refeições, na arrumação dos quartos, dando provas de amizade e hospitalidade. Está em preparação um filme deste importante serviço. – *Newsletter Bulletin do Escotismo Mundial*

***

OS PORTUGUESES NO I JAMBORI

continuação do número anterior

– Tudo a postos para a viagem...

– *Quase, quase. A partida do* Índia *estava sempre a ser adiada. Soubemos, em determinada altura, que tinha sido aprazada para o dia 16 de Junho. Pretendíamos resolver todos os problemas a tempo. Porém, quando no dia 12, depois de obtido o visto francês, fomos aos Transportes do Estado, qual não foi o nosso espanto quando nos disseram:* "Olhem que o barco parte hoje". *E deram-nos três horas para prepararmos as bagagens, uniformizar-nos e despedir-nos da família! Isto numa altura em que não havia táxis em Lisboa! Tivemos de andar a correr, apanhar o eléctrico, etc. Não havia outra maneira. Quando às 18 horas chegámos ao cais, já as nossas famílias lá se encontravam, exceptuando o meu pai e o meu irmão, que foram ao Porto para me ver, mas que quando lá chegaram, já o* Índia *tinha partido.*

– No Porto, foram bem recebidos?

– *Certamente. Estivemos ali três dias. No primeiro, visitámos a ACM e vários escoteiros e adueiros foram-nos ver a bordo, com os quais conversámos, entoámos canções escotistas, contámos anedotas e outras coisas. No dia a seguir, fomos esperar Alberto Lima Basto, Joaquim Duarte Borrego e Henrique Queirós de Barros, que se juntaram a nós no Porto. Visitámos vários monumentos e confraternizámos com escoteiros daquela cidade. Foram uns dias bem passados.*

A VIDA A BORDO

– E a viagem continuou?

– *Exactamente. O* Índia *partiu rumo ao* Havre. *À saída de Leixões, enviámos saudações, por homógrafo, a um antigo escoteiro chamado Gonçalves, que prestava serviço a bordo do contratorpedeiro* Tejo, *que nos respondeu da mesma forma. Chegámos àquele porto francês em 19.*

A bordo, o tempo foi-se passando o melhor que se pôde. Publicámos um jornal de bordo, a que chamámos "Ó entra, ó sai", *conversámos com os tripulantes e os outros passageiros. Até havia sessões musicais. Humberto Martins tocava guitarra e Lima Basto bandolim, acompanhados, ao piano, pela mulher do comissário de bordo. Praticávamos exercícios de formatura e entoávamos as nossas canções. Enfim, actividades que nos distraíam do forte anseio em que estávamos por chegar a Londres...*



Grupo de Portugal a Londres 1920.

EM TERRAS DE FRANÇA

– *No Havre, tivemos de ficar alguns dias. Logo foi combinado que alguns iriam ver Paris. E assim aconteceu. Humberto, Sobral Martins, os irmãos Borrego e eu fomos à Cidade-Luz. De todos, só o Joaquim Duarte Borrego conhecia a cidade. Para todos os outros, Paris foi uma incomparável revelação. Joaquim Borrego, um homem que tem sido sempre para mim excelente companheiro, revelou-se também um óptimo guia. Graças a ele, o tempo foi todo aproveitado. Utilizando táxis, metropolitano e eléctricos, conseguimos admirar os mais importantes monumentos e museus da bela cidade. Só não pudemos deslocar-nos a Versalhes. Regressados ao Havre, é altura de referir uma curiosidade de que fomos testemunhas. Em certa ocasião, quando seguíamos por uma rua da cidade, passamos em frente de uma igreja evangélica. O pastor encontrava-se junto à portaria e entabulou conversa connosco. Entre curiosas revelações que nos fez, lembro-me de que nos contou que o candidato à presidência da República nessa ocasião, que viria a ser eleito em 1924, Gaston Doumergue, era protestante. Ficaríamos a saber que em França era possível ascender à suprema magistratura uma personalidade que não pertencia à religião tradicional, coisa espantosa, para nós, nesses tempos...*

A CHEGADA A INGLATERRA

E Albano da Silva continua:

– *Tomámos, enfim, lugar no navio que nos levou a Southampton, ao cabo de cinco horas de travessia da Mancha. Na cidade inglesa esperavam-nos um comissário, um escoteiro-chefe e um* "King scout" *("Escoteiro da Pátria", como entre nós os chamamos). Estes companheiros foram-nos muito úteis, tudo nos facilitaram. Meteram-nos, por fim, num comboio e bem depressa nos encontrávamos em Waterloo Station, em Londres! E lá estava o sr. Petersen, fardado, visto que era chefe de um grupo do norte da capital britânica.*

– O sonho começava a tornar-se realidade...

– *É verdade. Não calcula o prazer que me dá o recordar estes episódios... Pois o sr. Petersen lá estava. Foi um homem muito prestável e útil, quer antes, quer depois do jambori. Foi extraordinário. E o sr. Moreton também ali nos foi imensamente útil. Reservados para nós, havia uns beliches no Olympia, mas só os podíamos ocupar a partir de certa data. De forma que tínhamos de ir para Richmond*

→ pág. 11

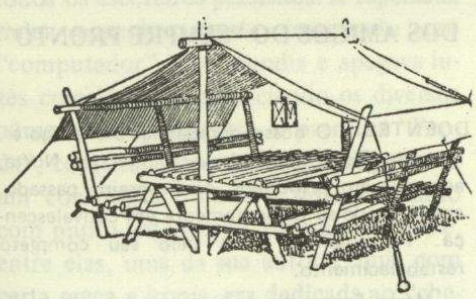
Página do Escoteiro



IDEIAS PARA O "NACIONAL"

No penúltimo número escrevemos acerca da utilização das varas e demos uma sugestão acerca de uma confortável cadeira. Atendendo, porém, a que vamos ter este ano um Acampamento Nacional, pareceu-nos preferível dar outra amplitude ao assunto e dar IDEIAS para o nosso Acampamento.

Um "Nacional" não é um acampamento de férias. É uma actividade em que cada patrulha procura fazer prova da sua habilidade e exibir as suas "artes". As ideias que vamos dar são simples sugestões. A partir destas, as patrulhas serão capazes de imaginar outras construções. Há, porém, um princípio básico no Escotismo: não usamos pregos! Utilizamos troncos, varas, espias, cordas e fazemos nós e ligações. Terás de aprender a fazer ligações. "Sempre Pronto" já explicou esta "arte" mais de uma vez, mas, se os escoteiros-leitores nos pedirem, podemos repetir.



UMA "SALA DE JANTAR"

Um acampamento com a duração de alguns dias precisa de dispor de uma confortável sala de jantar. Claro que não vais julgar que carregas para a Figueira da Foz a mobília de tua casa. Isso não só não seria prático, como não tinha originalidade nenhuma. É ali, no local do acampamento que vai ser construída a "nossa" mobília. Prática, económica e bonita.

Material: De 30 a 50 varas, conforme o tamanho da mesa. Espias, estacas e dois panos de tenda.

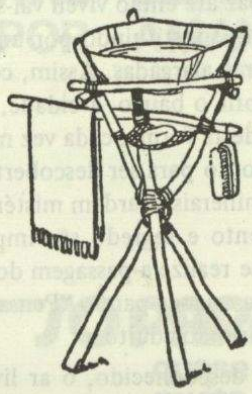
Repara na gravura: Duas varas maiores servem de espeques centrais e outra, atravessada, segura o tecto. Quatro varas, metidas no solo com inclinação de cerca de 30° seguram os esticadores que vão da vara central, junto aos espeques, passam pelo topo da vara inclinada e vão às estacas enterradas no solo com inclinação de 45°.

Uma vara atravessada, de cada lado, unem pelo topo as varas laterais. Outras duas varas, mais abaixo e na mesma posição, servem de costas aos bancos constituídos por três varas. Mas não há necessidade de especificar mais. Olha para a gravura e faz como lá está. Repara na lanterna do tecto. Na mesa. Tudo muito prático e simples. Experimenta construir a "sala de jantar" numa próxima actividade. Quando instalares o Campo no "Nacional" já não hesitarás.

UM LAVATÓRIO

O Escoteiro quando vai para a mesa de jantar ou vai cozinhar começa por lavar as mãos com sabonete ou sabão. Precisa, portanto, de um lavatório. Repara na gravura. Este lavatório está construído com troncos de madeira em vez de varas de escoteiro. Mas podia ser feito com estas varas.

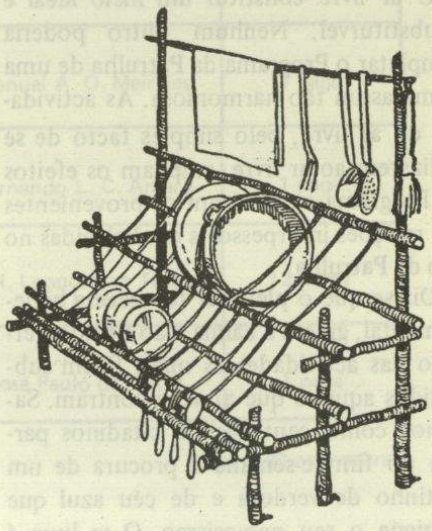
A base é um tripé. Três pequenas varas ou três pequenos troncos unem quase pelo topo as pontas do tripé. Uma outra vara mais abaixo serve para pendurar a toalha e uma escova. Uma rede segura o sabão. E pronto: é colocar em cima um alguidar de lona.



UM APARADOR

O Escoteiro é amigo da ordem e um acampamento tem de fazer prova disso. Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar. Repara na gravura. Com troncos de árvore (ou varas) e espias de pouca espessura, mesmo corda de sisal, constrói-se um elegante aparador.

E agora, mãos à obra. Puxa pela imaginação e inventa outros móveis de estilo diferente. É preciso que o campo da tua patrulha no "Nacional" seja um êxito.





UM APELO

O apelo feito no último número aos nossos Assinantes para que nos fosse remetido, por cheque ou vale postal, o valor das assinaturas, foi simpaticamente correspondido por muitos dos nossos leitores.

Mas há ainda muitos que nos podem ajudar. Creiam que esta colaboração é muito útil e merece o nosso reconhecimento.

Não hesite. Remeta já o valor da assinatura!

A PATRULHA (8)

por Adolfo Aristeguieta Gramcko

4. UM GRUPO AO AR LIVRE

A Patrulha pode definir-se de diversas maneiras, consoante o ângulo do qual se a examina. Mas em todos os casos, ficaremos perante dois elementos que nunca mudam: um grupo e um meio geográfico.

Pela sua estrutura e pelo seu programa, a Patrulha serve uma finalidade bem definida: a resolução, de maneira feliz, dos problemas do adolescente, esta etapa que conduz o homem à maturidade. É interessante analisar de que forma o conjunto oferecido pela Patrulha para o desenvolvimento das suas actividades, responde igualmente, pela sua própria natureza, ao objectivo proposto.

O ar livre constitui um meio ideal e insubstituível. Nenhum outro poderia completar o Programa da Patrulha de uma forma assim tão harmoniosa. As actividades do ar livre, pelo simples facto de se realizarem ao ar livre, ampliam os efeitos do Programa e valorizam os provenientes das relações interpessoais estabelecidas no seio da Patrulha.

Diz-se que o pleno ar favorece a higiene mental, graças à calma e ao ritmo alternado das actividades às quais ficam submetidos aqueles que aí se encontram. Sabemos como centenas de citadinos partem no fim-de-semana à procura de um cantinho de verdura e de céu azul que apazigúe o seu nervosismo. O ar livre é o retorno ao meio primitivo. Ao ar livre, dá-se o reencontro com as situações eternas, escondidas no mais profundo do homem. Ir para o ar livre é fazê-los passar por uma experiência real. Creio que este contacto é o mais importante dos efeitos do ar livre sobre a higiene mental.

São numerosas as outras vantagens que o ar livre proporciona à boa higiene do organismo, mas todas se mostram secundárias quando se percebe que é ao ar livre, e apenas aí, que a Patrulha pode realizar o seu Programa com o melhor rendimento possível. Dissemos acima que os adolescentes se agrupam para poderem cobrir uma etapa importante da sua maturação, isto porque se trata de uma solução natural que encontram ao seu alcance. Nunca será demasiadamente repetido.

No processo de reconstituição de um grupo, várias fases se sucedem: começa-se por se conhecerem, em seguida são integrados e, por fim, são identificados com o grupo. Poder-se-ia com razão pensar que este processo se cumpre sem outro motivo senão o das necessidades profundas do adolescente. Porém, o ar livre, pela natureza das actividades que aí se desenvolvem, age como um factor auxiliar externo de muito grande importância. Contribui, do exterior, para realizar uma identificação entre o grupo e o indivíduo, porque põe em jogo numerosos factores de ambiente que só alcançam o seu óptimo de harmonia e de precisão no ar livre.

Por exemplo, se uma dificuldade surge entre os membros do grupo, pode ser resolvida pela dissolução temporária e momentânea do grupo, cada qual voltando-se para si, e logo o problema fica resolvido. Ao ar livre, isto é, no campo ou no mar, a várias horas da cidade, a questão é colocada de uma maneira totalmente distinta. A fuga não é tão fácil, a fuga não é solução. Torna-se necessário manterem-se em conjunto. Conta-se aí com um elemento que reforça e fortifica o grupo com uma totalidade. Ao ar livre, a Patrulha é uma sociedade mais sólida e mais estável.

Vencer a natureza corresponde a instalar-se correctamente, de maneira a afrontar as intempéries. É procurar os alimentos e prepará-los, duas coisas imperativas que não podem ser iludidas. Esta situação dá ao adolescente o ensejo de se cercar de perto de verdadeiros valores, de aprender a distinguir entre o que é urgente e o que pode esperar, entre o supérfluo e o essencial.

O ar livre permite, por outro lado, a "Descoberta do Universo" em todo o significado. O mundo da casa e da escola onde o rapaz até então viveu vai-se, a pouco e pouco, substituindo por um mundo de fronteiras alargadas. Assim, começa-se por descobrir o bairro, a cidade, a região. Chega-se, desta forma, cada vez mais a um mundo pronto para ser descoberto. As árvores, os minerais guardam mistérios, cujo conhecimento e segredo são importantes para que se realize a passagem do "Pensar mágico" da criança para o "Pensar lógico" que é próprio do adulto.

Mundo desconhecido, o ar livre é um mundo recheado de perigos. Em face do perigo, o homem tem tendência para formar grupo. Torna-se, pois, necessário reforçar de novo e depois manter esta microssociedade que é a Patrulha. Qual é o escoteiro que não tem medo, durante as primeiras noites de campo, da obscuridade que envolve a tenda? Que segurança encontrámos então na presença de uma sentinela vigilante! Que diferença haverá entre uma noite passada sozinho debaixo da tenda e uma noite passada com todos os membros da Patrulha? Aí se fazem sentir, de forma clara e sem equívoco, os benefícios e a necessidade do grupo.

continua

(Publicado por "Training Formation" – Secretaria Mundial do Escotismo)



DOS AMIGOS DO "SEMPRE PRONTO"

DOENTES – O nosso companheiro e amigo sr. Arnaldo Pinto, secretário regional do Norte, adoeceu em princípios de Fevereiro passado, encontrando-se presentemente em convalescença. Formulamos votos pelo seu completo restabelecimento.

Mário Fernandes, antigo escoteiro-chefe do Grupo nº 5 e nosso assinante dedicado, tem estado retido em casa doente, mas tem registado melhoras, que desejamos ver acentuadas.

* * *

DE LUTO – Encontra-se de luto o nosso estimado assinante E. C. António Viegas Custódio, do Grupo nº 12, de Sassoeiros, pelo falecimento em 12 de Maio corrente, em S. Romão, S. Brás Alportel, de sua irmã D. Maria Francisca (Mónica), de 81 anos de idade. Àquele nosso amigo endereçamos sentidos pêsames.

Também o nosso prezado assinante e amigo sr. Francisco José A. Branquinho Carreiras, residente em Santarém, se encontra de luto pelo falecimento de seu irmão, sr. Licínio A. B. Carreiras, ocorrido em princípio de Maio corrente. Apresentamos-lhe condolências sentidas.



O GRUPO Nº 1 COMEMOROU O 69º ANIVERSÁRIO DA SUA FUNDAÇÃO

No passado dia 12 de Abril, o Grupo nº 1 dos Escoteiros de Portugal, anexo à Associação Cristã da Mocidade de Lisboa, na rua de S. Bento, esteve em festa para comemorar o 69º aniversário da sua fundação, que passara no dia 9 anterior.

Depois de algumas palavras de abertura pelo escoteiro-chefe Manuel da Silva Martins, procedeu-se à cerimónia da colocação de mais uma estrela de serviço na bandeira do grupo, acto para o que foi convidado o antigo escoteiro da unidade sr. Henrique Alves de Azevedo.

Estiveram presentes escoteiros dos grupos 7, 79 e 94, bem como pais dos escoteiros do grupo, o sr. Miguel Martins, da comissão de patrocínio, o sr. dr. Horácio Pinto, presidente da direcção da ACM, sr. José F. Marinho, da direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Depois da parte solene, efectuou-se uma festa recreativa, em que participaram todos os escoteiros presentes. A rapaziada tinha engenhosamente imaginado um "computador", que acendia e apagava luzes coloridas e ia anunciando os diversos números do programa. A patrulha "Panda", constituída por jovens-raparigas, deu um contributo notável à festa entoando com muito entusiasmo diversas canções e, entre elas, uma da sua autoria, que, com certa graça e ironia, era dedicada ao "chefe Manelinho". Mas todo o grupo participou na festa com canções e episódios que se prolongaram pela tarde de domingo, com agrado de toda a assistência.

Que o Primeiro Grupo continue a progredir com o mesmo entusiasmo são os votos do "Sempre Pronto".

BOM INÍCIO DA CAMPANHA DE ASSINATURAS

Abriu com "chave de ouro" a campanha de novas assinaturas. Apesar do último número de "Sempre Pronto" ter saído ainda relativamente há pouco tempo, é agradável verificar que as respostas ao nosso apelo não se fizeram esperar.

"Sempre Pronto" vinha fazendo referências à Campanha e em consequência do apelo simpaticamente feito pela Direcção-Nacional e pela Chefia Regional do Norte dos Escoteiros de Portugal, registámos já as primeiras novas assinaturas:

GRUPO Nº	LOCALIDADE	PROPONENTE	ASSINATURAS
4	Porto	Domingos Figueiredo	3 pagas
80	Ponta Delgada	Gui Pinto da Costa	1 paga
	Faro	Julião E. Pestana	1
58	Porto	Manuel A. O. Meireles	1 paga
119 – CNE	Coruche	Fernando L. C. Amaro	1 paga
52	Angra do Heroísmo	Prof. Leopoldino Tavares	13 pagas
	Porto	José Paulo de Matos	1 paga

Total – 21 assinaturas

Aguardamos novas propostas. Esperamos a colaboração de todos os nossos estimados leitores. A Campanha está em marcha e só terá êxito se o leitor amigo participar, se fizer um esforço recrutando novos assinantes entre os seus amigos.

NÃO ESPERE POR AMANHÃ...



NOVALIT
SÓ PARA GRÁFICOS
quase tudo para artes gráficas e ...
muita amizade
R. Jorge Colaço, 14-B e C • Tel. 80 21 48 80 38 18 • 1700 LISBOA • PORTUGAL

TEÓFILO BRAGA BIÓGRAFO DE CAMÕES

por A. Álvaro Dória

(Separata da Revista Bracara Augusta)

Muitos têm sido os trabalhos publicados sobre a obra e a vida do nosso maior poeta. Os intelectuais portugueses são arrastados naturalmente para as tentativas de aprofundamento do universo camoniano por duas principais razões: Luís de Camões é um dos maiores artistas literários do Ocidente; Luís de Camões maltratado, esquecido e até "deformado" pelas mais duras controvérsias, continua a ser *mistério* (como Shakespeare).

Álvaro Dória estuda, neste seu ensaio, as mitificações operadas a partir de (e em torno de) o autor dos Lusíadas. E, lucidamente, com a ajuda de referências múltiplas, citações e documentação impressionantes – de Pedro de Mariz a José Hermano Saraiva passando por Aubrey Bell, C. Michaelis, Hernâni Cidade – irá mostrar como o "parti pris" do tradicionalismo fantasioso e o deslumbramento fácil provocado pelo gigantismo da brilhante figura literária que foi Camões, fez do notável Teófilo Braga um "mau" biógrafo.

Álvaro Dória vibra, neste seu ensaio (que consiste numa das mais sérias e laboriosas investigações no campo dos estudos camonianos que nos têm chegado às mãos) um *golpe definitivo* nas conjecturas de Teófilo. Perdemos todas as ilusões sobre o valor da "História de Camões" (1873) que um dia o ilustre micaelense se lembrou de escrever.

Claro que, como afirma José Hermano Saraiva, "Camões serviu para tudo"; os emblemas da cultura nacional são normalmente manipulados por esquerdas e direitas, por analistas cerebrais e por patriotinheiros melados. Os brilhantes António José Saraiva e Óscar Lopes não nos falaram, há bem pouco tempo, na sua hoje já famosa "História da Literatura Portuguesa" das "reflexões pré-hegelianas" dos "Sonetos"? Uma tal tese é, obviamente *controversa*. Mas não nos conduz a falsas visões. Teófilo Braga abusou, abertamente, quanto ao CULTO (quase idolátrico) prestado ao poeta "dourando-lhe" ou "aristocratizando-lhe" a vida. Como se a grandeza indiscutível do artista não devesse ser separada, rigorosamente separada, da dimensão *homem*. Um homem, a muitos títulos, *desgraçado*.

Álvaro Dória sugeriu-nos ainda uma pista, para futuros ensaios e reflexões de natureza psicológica, um caminho hoje ainda muito pouco trilhado. Referimo-nos à tentativa de resposta a uma pergunta nada fácil de responder: quais os "porquês" individuais profundos que levam Teófilo às suas "luminosas" e apressadas interpretações?

David Freire



CARIMBOS POSTAIS COMEMORATIVOS

continuação do número anterior

56 – 20/10/1973 – ANGRA DO HEROÍSMO (Açores)
XVI Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Edição do Organizador Nacional.

57 – 20/10/1973 – FUNCHAL (Madeira)
XVI Jambori no Ar.
Sobrescrito comemorativo: Idem.

58 – 20/10/1973 – DONDO – (Beira, Moçambique)
XVI Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

59 – 20/10/1973 – LOURENÇO MARQUES (Moçambique)
XVI Jamboree no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

60 – 21/10/1973 – BENGUELA – (Angola)
XVI Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

61 – 21/10/1973 – LOBITO – (Angola)
XVI Jambori no Ar
Sobrescrito comemorativo: Idem.

Juveminho-81

UMA EXPOSIÇÃO DEDICADA À JUVENTUDE

A Exposição JUVEMINHO, actividade dedicada à juventude do minho, uma vez mais se repetiu este ano, com inegável êxito, apesar do mau tempo que se fez sentir. Este certame realizou-se no Parque Municipal de Braga e teve o apoio activo do FAOJ – Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis.

As Delegações do FAOJ de Braga e Viana de Castelo tiveram uma participação muito interessante. Estiveram assim presentes "stands" de natureza participativa, como pintura, cerâmica, fantoches e fotografia. Diariamente realizaram-se espectáculos de teatro infantil, fantoches, folclore infantil, exibição de grupos corais e escolas de música, jogo de pau, aeromodelismo, projecção de fitas e diapositivos.

O sr. eng. António Pinheiro, delegado distrital do FAOJ, ao fazer o balanço da Juveminho, afirmou que a participação dos Escoteiros de Portugal fora "uma experiência muito boa e exemplar. Mantiveram sempre de noite três ou quatro pessoas a dormir numa tenda que eles próprios colocaram no recinto da exposição". Acrescentou que esta acção dos escoteiros teve resultados muito positivos porque muito contribuiu para a segurança da zona, pelo que, disse, "lhes estamos muito gratos por terem sido os parceiros ideais. Disso resultou que em balanço só nos faltou um microfone, enquanto o ano passado nos faltou muito material".

Os Escoteiros de Portugal, através do Grupo nº 53, de Braga, montaram um "stand" que ocupou dois módulos, onde foi feita uma exposição de animais embalsamados e onde os escoteiros procederam à observação de rochas e minerais. Esteve ainda em exposição equipamento escoteiro e montado um posto de rádio amador. Toda a Região Norte participou na Juveminho, embora o Grupo 53 fosse o responsável pela participação.

O Corpo Nacional de Escutas teve também um módulo com exposição de equipamento.

Ao fazer o registo deste acontecimento, "Sempre Pronto" endereça felicitações ao Grupo nº 53.

OS ESCOTEIROS DA DINAMARCA E DO SUDÃO REALIZAM UM PROJECTO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

No princípio de 1973, um simples laço de amizade unia a Dinamarca e o Sudão. Hoje, um trabalho de cooperação entre os escoteiros dos dois países transformou o deserto do Sudão numa herdade escoteira próspera, fornecendo produtos vegetais e aves. O êxito desta granja ultrapassou todas as esperanças que os escoteiros e as guias dos dois países tinham posto neste empreendimento.

A criação desta granja, em 1976, procurava dar resposta à necessidade de formação para os escoteiros e guias sudaneses e, ao mesmo tempo, dar satisfação à necessidade de fundos. A herdade satisfez os dois objectivos. Oferece um centro de formação e, ao mesmo tempo, produz géneros para venda.

Na granja trabalham empregados, mas escoteiros e guias participam no trabalho para aprender a criar galináceos e a cultivar forragem, hortaliças e legumes.

No princípio, o projecto era modesto, mas actualmente foram construídos onze edifícios; 160 000 m^2 de terras foram irrigados e todas as instalações necessárias para alojar 1 500 galinhas poedeiras estão montadas. Uma sala de aulas e alojamentos completam o centro. O terreno em volta, outrora árido, está agora arborizado e com áreas verdejantes. A realização deste projecto foi um trabalho de equipa entre os dois países. O terreno foi obtido numa aldeia a 25 km da capital. – *Newsletter Bulletin – Escotismo Mundial*

O HÁBITO NÃO FAZ O MONGE

← pág. 2

tos, representam, somente, elementos complementares traduzindo meios de adquirir vontade indómita, amor ao próximo, personalidade íntegra, sentido de honra e outras virtudes idênticas,incluindo vigor patriótico.

Afirmamos, sem receio de desmentido que o Dr. Ponces, influenciado profundamente pela enorme expansão cultural verificada nos fins do século dezanove e princípios do actual, como atrás se referiu, tentou arduamente educar os seus pupilos através dos bons exemplos, dos conselhos paternais, da disciplina consentida mas, mercê de inteira falta de cooperadores aptos, só obteve o inverso.

Suicidou-se poucos anos decorridos, em 1920.

OS PORTUGUESES NO I JAMBORI

← pág. 6

Park, onde, como Sempre Pronto *já referiu, se encontravam acampados 5000 rapazes, pouco mais ou menos. Após sermos fotografados, na estação, por um repórter (no dia seguinte, lá vinha a nossa fotografia no histórico diário* The Times*), o sr. Petersen levou-nos, depois de termos visitado a sede da Boy Scouts Association, para a parte norte de Londres, para Winchmore Hill, onde tinha preparado um acampamento, com várias tendas cónicas, para nos acolher. Como nessa parte de Londres havia muitos grupos, o sr. Petersen, extraordinário amigo nosso, tinha mobilizado aquela gente toda para nos receber! Ao chegarmos lá, ouvimos tambores e cornetas, uma fanfarra completa, com comissários, chefes e escoteiros, empunhando bandeiras, a esperarem-nos! Foi um momento inolvidável. Vimos três carros de material, daqueles que os escoteiros usavam antigamente, cheios de salsichas,* corn-beef, *que nós nunca tínhamos comido, mas de que não gostámos muito, tudo preparado para nós! Era uma oferta de um senhor chamado Beer, comissário escotista daquela zona. Ainda devo possuir alguma correspondência trocada com ele, visto que, no Natal, me mandava sempre as boas-festas. Já deve ter falecido, mas ainda aqui há uns 10 anos recebi carta dele, em que mostrava recordar-se perfeitamente dos escoteiros portugueses. Era um ricaço. Era, por assim dizer, o Isidoro lá do sítio, por isso a razão da sua oferta. Durante a nossa estadia, não faltou com o que quer que fosse de comida...*

– Quase merecia a pena ter ficado lá a viver...

– Tivemos tentados a isso, mas a saudade... Um episódio que então ocorreu é o seguinte: no acampamento, eles não tinham a bandeira portuguesa, mas como a quisessem içar, perguntaram-nos se possuíamos alguma. Pusemos logo uma à disposição deles. Todavia, hesitaram em içá-la. "O melhor, disseram, é ir à Polícia perguntar se podemos içar a bandeira". Assim, o Alberto Lima Basto foi com um escoteiro inglês perguntar às autoridades se podiam de facto içar a nossa bandeira. Foram conscienciosos e disseram logo que sim. Fizeram deslocar um polícia, um "oito metros", como eu lhes chamava, ao acampamento, o qual informou: "Podem içar a bandeira portuguesa. Simplesmente, o mastro tem de ser serrado, visto que a "Union Jack", a bandeira inglesa, tem de ficar um pouco mais alta". E assim aconteceu. Foi cortado, realmente, um bocado do mastro e as bandeiras lá ficaram içadas.

A HOSPITALIDADE BRITÂNICA

Passámos ali uns dias agradáveis, pois com facilidade nos deslocávamos ao centro de Londres. Aliás choviam convites para chás, para visitas ao Jardim Zoológico, a museus, ao Museu Britânico. Não nos faltou absolutamente nada. Depois do Jambori é que veio chuva abundante e já sentíamos necessidade de regressar. Não fomos para casa das pessoas, mas recebíamos, de vez em quando, convites para festas, para a casa do sr. Whiting, do Rev. Palmer. Ainda hoje me lembrei dele. Olhe que até meias-solas pôs nas botas do Humberto Martins! Não houve nada que aquela gente não nos fizesse. Adoravam os portugueses e nós gostávamos imenso deles. Aquelas festas no salão social da igreja! Os jogos que faziam! E só para os escoteiros! Tinham-lhes dito que aqui em Portugal se fazia arroz doce, que era muito bom. Em casa do sr. Whiting quiseram também fazer arroz doce para nos presentearem. Coitados! A senhora ficou desolada, porque o seu arroz ficava a léguas do nosso. Tudo manifestações de boa vontade. Especialmente os três escoteiros do Um e o Alberto Lima Basto, porque era primo do Rev. Eduardo Moreira como fizemos constar, foram muitas vezes convidados para tomar chá em casa de pessoas evangélicas. Recordo-me de que havia uma pequena – que hoje terá 71 anos, visto que nessa altura, há 60 anos, tinha 11 – (ainda há dias recebi uma carta dela). Eu levava propaganda de Portugal, em que inclusivamente tinha a música de "A Portuguesa". Perguntaram-nos se queríamos ir assistir a um serviço religioso evangélico. Dissemos que sim e lá fomos, nós, os três escoteiros do Um (Humberto, Sobral Martins e eu) e o Alberto Lima Basto. Tinham-nos pedido a nossa bandeira. Quando chegámos perto da igreja – isto foi uma cena que nos comoveu muito – e íamos a entrar, estava o pastor à porta e dois rapazes empunhavam as bandeiras portuguesa e inglesa em cada lado do templo, que depois foram colocadas junto ao púlpito. Quando entrámos, a Rosina, assim se chama a tal pequena de 11 anos de então, executava ao órgão o nosso Hino Nacional! A sra. Petersen ficou admiradíssima como ela executara tão bem o nosso hino. Foram de uma fantástica simpatia!

continua no próximo número



DE MÊS PARA MÊS



UM CONVITE À UNIDADE

As associações portuguesas de Escotismo disputam a presença nas suas actividades de escoteiros de países estrangeiros e está muito correcto este procedimento. O Escotismo é assim! Mas o mesmo não acontece nas actividades nacionais. Dentro do país, cultiva-se um distanciamento. As associações ignoram-se e só a nível superior se realizam contactos formais, muito corteses, próprios de instituições que se respeitam mas nada têm de comum. E isto não é Escotismo!

Todavia, a JUVENTUS - 81 veio alterar este quadro. As três associações apresentaram-se ao público unidas, lado a lado, possivelmente porque assim entendeu – e muito bem – a direcção do certame.

Reconheçamos, no entanto, que foi muito agradável verificar essa unidade e o público deve ter ficado com uma imagem certa do Escotismo.

E se fosse possível manter esta imagem pública de unidade? O Escotismo sairia reforçado dessa atitude e os Escoteiros, Escutas e Guias dariam largas à sua satisfação. Se os serviços que "Sempre Pronto" tem prestado ao Movimento lhe proporcionam um pouco de credibilidade, faríamos daqui um desafio à unidade. Aceitam?

EFEMÉRIDES

JUNHO

Dia 10 – Dia de Portugal. Uma data a assinalar por todas as unidades escotistas e guidistas.

Dia 15 – 31º aniversário da posse dos primeiros corpos gerentes da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Dia 22 – 48º aniversário do Grupo nº 52 – AEP, de Angra do Heroísmo.

Dia 23 – 52º aniversário do Grupo nº 84 – AEP, do Entroncamento.

Dia 24 – 47º aniversário do Grupo nº 93 – AEP, de Sintra.

N. da R. – Teremos o maior prazer em assinalar os aniversários de todos os grupos da AEP, CNE e AGP, desde que os mesmos nos sejam indicados.



FOI ALTERADO O LOCAL PARA A CONFERÊNCIA MUNDIAL DE ESCOTISMO DE 1983

A Conferência Mundial de Escotismo realizar-se-á este ano em Dakar, no Senegal. A Conferência de 1983 estava marcada para a Alemanha, mas houve conveniência em aceitar um convite dos Estados Unidos para o mesmo efeito porque o Jambori Mundial se realizará no Canadá, em Calgary, Alberta. Os chefes das numerosas representações têm assim possibilidade de assistir aos dois acontecimentos escotistas.

A Alemanha receberá a Conferência de 1985 e, embora estivessem já em marcha os preparativos para a conferência de 1983, os dirigentes do Escotismo da Alemanha aceitaram a troca.

ALBERTO PINTO SARAIVA

Pedimos há poucos meses a diversos amigos apontamentos acerca da história do Escotismo em Portugal para informar um trabalho que temos em mãos e já bastante adiantado. Entre os amigos consultados, contou-se um dos mais antigos escoteiros do nosso país, o sr. Alberto Pinto Saraiva, que foi adueiro em 1913, escuta (nesse tempo "scout") desde o início do movimento católico em 1923. Em 1927, deixou o C.N.S. e ingressou depois na AEP. Por este enunciado, se pode verificar que Alberto Pinto Saraiva é um ancião. Comemora este ano os seus 82 anos de idade.

Pois este Antigo Escoteiro conserva uma vitalidade extraordinária. Apesar de ter estado entretanto bastante doente e internado no hospital, acaba de nos remeter um trabalho exaustivo de 86 páginas dactilografadas, sem entrelinhas, com apontamentos da história dos Adueiros, Escutas e Escoteiros, trabalho que dedica, como escreve, "ao culpado *Sempre Pronto*, da AEP; à *Flor de Lis*, órgão do CNE; às Fraternais Nuno Álvares e Fraternal AEP". Pela nossa parte, um "muito obrigado" com sinceras felicitações.



OS QUE NÃO SÃO ESCOTEIROS FALAM DE ESCOTISMO...

A página RELIGIÃO de "O Comércio do Porto", de 4 de Abril corrente, traz uma pequena nota sobre "Escutismo em Portugal", que termina desta maneira simpática: *Integrado no movimento cristão, o Corpo Nacional de Escutas foi fundado em 1923, em Braga. O CNE é a maior associação escutista de Portugal, com cerca de 30 000 associados. Está implantado em cerca de 500 freguesias do continente e ilhas e É INDUBITAVELMENTE A ASSOCIAÇÃO ESCUTISTA DE PORTUGAL.* (O destacado é nosso).

Fazemos votos de que os números estejam certos e continuem a aumentar, embora nos interesse sobretudo a qualidade. Mas porque será que "o CNE é indubitavelmente a associação escutista de Portugal"? A Associação dos Escoteiros de Portugal não será indubitavelmente uma associação escoteira onde fraternal e escotistamente cabem rapazes de todas as crenças?